

## DA PRAIA PARA O MAR: MOTIVOS À ADESÃO E À PRÁTICA DO SURFE

**Recebido em:** 05/11/2008

**Aceito em:** 22/11/2008

*Ananda Veras de Amaral*  
*Cleber Augusto Gonçalves Dias*  
Grupo de Pesquisa Esporte, Lazer e Natureza (UFF)  
Niterói – RJ – Brasil

**RESUMO:** O surfe é um esporte que vem se popularizando. Saber o que o torna atrativo para uma crescente massa de pessoas foi o nosso objetivo. Buscamos identificar os principais fatores motivacionais que influem na sua adesão, averiguando se há correlações possíveis entre essas motivações e o grupo social dos praticantes. Com essa finalidade, realizaram-se entrevistas semi-estruturadas, com um grupo de 10 surfistas homens e mulheres, que o praticam em locais diferentes distribuídos por uma faixa etária que variou dos 8 aos 76 anos. Nossas conclusões apontam para sua incorporação como um veículo para o lazer, sua conotação como um estilo de vida, procurado, entre outras coisas, pelo contato com a natureza, pelos possíveis benefícios à saúde ou pelas emoções e sensações proporcionadas. Percebe-se também que os principais meios de acesso ao surfe foram à família, os amigos e as escolas de surfe.

**PALAVRAS-CHAVE:** Esporte. Lazer. Motivação.

### FROM THE BEACH FOR THE SEA: REASON TO THE ADHESION AND TO THE PRACTICAL OF THE SURFING

**ABSTRACT:** Surfing is a sport that comes growing. To know it becomes what it attractive was our objective. We search to identify the main factors for its motivation that influence in its adhesion, inquiring if it has correlations between these motivations and the social group of the practitioners. With this purpose, one became fullfilled half-structuralized interviews, with a group of 10 surfer's men and women, practise who it in different places distributed by a age that varied of the 8 to the 76 years. Our conclusions point with respect to its incorporation as a vehicle for the leisure, its connotation as a style of life, looked, among others things, for the contact with the nature, the possible benefits to the health or for the proportionate emotions and sensations. One also perceives that the main ways of access to surfing had been to the family, the friends and the schools of surfing.

**KEYWORDS:** Sport. Leisure. Motivation.

## **Introdução**

Desde o início dos anos 60, o surfe é um esporte que vem experimentando uma progressiva popularização. No Rio de Janeiro, onde a prática teve seu primeiro e derradeiro impulso no Brasil, já em meados dos anos 60 se falava de um crescente contingente de jovens que buscavam nessa modalidade um suporte para sua formação identitária ou apenas uma opção para seus divertimentos praianos. Esse processo coincide e converge com o início da difusão internacional do surfe, com uma ampla fabricação e distribuição de filmes, roupas, revistas e acessórios em geral, o que, evidentemente, foi decisivo para a ampliação do número total de praticantes (DIAS, 2008).

Atualmente, estima-se que mais de dois milhões de pessoas tenham o surfe como um hábito de lazer no Brasil. Segundo dados fornecidos por uma empresa de pesquisa, o surfe é o quarto esporte mais praticado no país, sendo o segundo mais praticado somente por homens. A pesquisa também apontou que o surfe ao vivo na televisão é o segundo esporte que os homens mais gostam de assistir, à frente do basquete e do tênis, ficando atrás apenas do futebol (GUARANÁ, 2000).

Mas o que torna o surfe um esporte tão atrativo e interessante? Que atributos seriam responsáveis por despertar tamanho desejo de praticá-lo ou simplesmente assisti-lo? Frente a essas perguntas, o objetivo desse estudo foi o de identificar os principais fatores motivacionais que influem na adesão da prática do surfe, analisando se há alguma correlação possível dessa motivação com a faixa etária ou o gênero dos praticantes. Dito de outro modo, nossa intenção foi a de investigar, qualitativamente e a

partir do ponto de vista dos próprios praticantes, que qualidades são apreendidas como catalisadoras para a incorporação do surfe como um costume de lazer.

Do ponto de vista metodológico, o desenvolvimento desse estudo foi organizado em duas etapas. A primeira, como não poderia deixar de ser, refere-se a uma revisão de literatura. Nessa etapa, nosso intuito foi o de tentar englobar alguns temas referentes ao surfe na atualidade e mais particularmente levantar informações sobre o estado atual dos estudos sobre a motivação esportiva, o que permitiu conhecer, ao menos em linhas gerais, as idéias, fundamentos, problemas e sugestões atualmente colocados para a comunidade científica dentro dessa temática.

A segunda etapa, mais específica, consistiu numa pesquisa de campo de natureza qualitativa que constou com a realização de entrevistas semi-estruturadas. Nossa amostra foi composta por 10 surfistas, sendo cinco homens e cinco mulheres, que freqüentam locais de prática diferenciados e que estão distribuídos por uma faixa etária que variou dos 8 aos 76 anos. Mais precisamente, dois participantes possuíam idade entre 8 e 12 anos; quatro possuíam entre 13 e 17 anos; três possuíam entre 22 e 39 anos e um possuía 76 anos. Todos eles possuíam locais de moradia e níveis de escolaridade distintos (até mesmo por conta da diferença de idade). A análise desse material seguiu o modo convencional da interpretação sociológica, tentando decodificar os sentidos e significados das falas e discursos dos entrevistados, articulando-as as nossas impressões e observações decorrentes do convívio com esse grupo social.

As entrevistas foram realizadas individualmente, com a óbvia autorização dos praticantes, tendo todo o conteúdo gravado em material digital. O roteiro de questões que compunham o questionário foi elaborado de forma a tentar permitir que os sujeitos desse estudo se expressassem o mais livremente possível. Nesse sentido, em função do

desenvolvimento das conversas entre entrevistador e entrevistado, não se chegou a um padrão excessivamente rígido de questionamentos. Em verdade, nossa idéia era mesmo partir de um conjunto relativamente reduzido de perguntas que giravam, basicamente, em torno das formas de acesso ao surfe; dos principais interesses e expectativas no esporte e sobre o porquê é bom ser surfista. Para Burgess (1997), este tipo de entrevista pode funcionar, na prática, como uma conversa informal, apesar de valer-se de tópicos e temas previamente estabelecidos e que, em larga medida, vão orientar as questões e o decurso da própria conversa. A estratégia é, portanto, a de tentar oferecer aos entrevistados a oportunidade de desenvolver o mais livremente possível suas respostas, além de conceder ao entrevistador a possibilidade de formular e reformular questões no seu decorrer.

Amiúde, analisamos suas respostas com o intuito de compreender os principais motivos apontados por eles próprios como motivadores para as suas adesões a prática do surfe. Em última análise, notamos algumas categorias gerais que permearam, de certo modo, o discurso dos entrevistados. Antes de apresentá-las, no entanto, falemos do “estado da arte” dos estudos motivacionais aplicados ao esporte.

### **Os estudos de motivação**

No meio acadêmico, o assunto relacionado à motivação pessoal para a prática esportiva tem ganhado bastante enfoque. No entanto, a maioria desses empreendimentos investigativos trata de atletas de alto rendimento. Não será essa a nossa perspectiva aqui. Ao contrário, estaremos concentrados em observar à prática do dia-dia, cotidiana, realizada com finalidades de lazer.

De todo modo, o entendimento da motivação no esporte torna-se importante no momento em que a enfocarmos como um processo capaz de despertar à ação ou sustentar o interesse por certas atividades, pois todo esporte depende do desejo e do envolvimento do praticante; logo, a motivação se apresenta como um fator motor para as práticas esportivas.

A motivação é conceituada como o processo que leva as pessoas a uma ação ou a inércia em diversas situações. Este processo pode ser ainda o exame das razões pelas quais se escolhe fazer algo, e executar algumas tarefas com maior empenho do que outras (CRATTY, 1984). Poderíamos também nos referir a motivação como causa de um comportamento, alguma força interior, impulso ou uma intenção, que leva uma pessoa a fazer algo ou agir de certa forma (MAGILL, 1984).

Para Samulski (2002), no mesmo sentido, a motivação pode ser definida como a totalidade de fatores, que determinam a atualização de formas de comportamento dirigido a um determinado objetivo, caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, que depende da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos). Essa teoria afirma que a motivação é determinada por fatores que não dependem apenas do indivíduo, havendo intervenção também do meio social, estando o nível de ativação para determinada atividade aliado aos fatores do comportamento como as intenções, interesses motivos e metas para a atividade.

Cratty (op.cit.), neste assunto, relata que as pessoas escolhem suas atividades físicas ou esportes, assim como participam destes com determinado grau de competência, de acordo com suas experiências mais recentes. Weinberg e Gould (2001) chegam a propor um modelo internacional da motivação para a prática esportiva, afirmando que a motivação para praticar esportes é resultado de interação entre fatores

personais e situacionais. Nesse caso, os fatores pessoais seriam: a personalidade, necessidade, expectativas, interesses entre outros. Já os fatores situacionais seriam: o estilo de liderança, facilidades, tarefas atrativas, desafios e influências sociais. Entretanto, no decorrer do tempo, a importância dos fatores pessoais e situacionais citados pode variar, dependendo das necessidades e oportunidades atuais.

Vários exemplos ilustram essa afirmativa como o fato de, inicialmente o praticante de determinada atividade não ter interesse em liderar um grupo, buscar resultados ou aceitar desafios. No entanto, ao decorrer de algum tempo, fatores como desempenho e novos desafios possam ser priorizados.

No surfe, especificamente, essa variabilidade motivacional pode ser demonstrada como no caso de muitos adeptos procurarem o esporte com objetivo de socialização, isto é, impulsionados pelo desejo de estar com os amigos. Com o passar do tempo, no entanto, sua prática pode assumir outros interesses, como o gosto em desenvolver regularmente uma atividade física, passando a realizar as suas sessões de surfe sozinho, independente da presença de amigos, o que anteriormente era um fator indispensável.

Analisar as abordagens sobre motivação, motivos e suas aplicações permite que seja observada a importância que estas têm para o processo de aprendizagem em geral e para o estímulo à realização das atividades com vontade, satisfação e realização. Muitas vezes essa dimensão motivacional será determinante para o desenvolvimento das práticas esportivas. Pode-se dizer que muitas pessoas praticam algum tipo de atividade não só por causas dos benefícios à saúde que são permanentemente reiterados na mídia e outros canais de comunicação, mas também por causa do bem-estar psíquico que acompanha os praticantes assíduos (MALAVASI; BOTH, 2005).

É neste contexto geral que se torna importante conhecer os conceitos de motivação pessoal para a prática esportiva, de forma que, a partir daí, tenhamos maior clareza das dinâmicas de estruturação e funcionamento do campo esportivo, a fim de seguirmos nossos esforços de interpretação desse universo cultural particular que é o esporte. Em outras palavras, observar os fatores que mais atraem o praticante para a prática esportiva permite uma forma interessante de observar a maneira como os mecanismos sociais incidem e repercutem sobre seus agentes e atores.

No entanto, nesse estudo adotaremos uma marcação teórica diferenciada que deve ser explicitada desde agora. Como vimos, estudos sobre a motivação, bem como o próprio termo, aliás, estão geralmente muito abalizados pelas discussões de uma disciplina em particular: a psicologia. Diferente disso, contudo, nossa intenção aqui é a de empreender um estudo sobre aspectos motivacionais, ancorando-se em uma tradição mais sociológica que psicológica. Sem desconsiderar completamente essa última forma de abordagem, nem tratar das diferenças e peculiaridades dessas duas disciplinas, a forma pela qual conduzimos a pesquisa esteve sempre assentada na convicção de que a coesão de um determinado grupo se sustenta através da força de crenças coletivas e, portanto, sociais.

### **Formas de acesso ao surfe**

Em primeiro lugar, buscamos saber de que maneira ocorreu o primeiro contato com o esporte, ou seja, quais os principais canais de acesso que os conduziram ao surfe e que pessoas os influenciaram na adesão dessa atividade.

A estética, a plasticidade e o considerável exibicionismo presente nesta prática foram elementos bastante citados como os primeiros elementos causadores de interesse

para com a modalidade. Em outras palavras, o fato de ser um esporte realizado nas praias, que são locais públicos culturalmente populares e com caráter exibicionista, marcados pela dinâmica do ver e do ser visto, contribui para sua divulgação entre as pessoas que, ao observarem da areia os surfistas se divertindo com as ondas do mar, sentem curiosidade e interesse em ter essa vivência.

“Chamava a minha atenção ver as pessoas no fundo do mar, eu sempre gostei disso”.

“Eu comecei a levar minha filha pra surfar e a esperava observando da areia, até que fui me interessando e tive vontade de fazer também”.

Apesar de algumas diferenças observáveis quanto às pessoas que influenciaram ou conduziram até o primeiro contato com o surfe, todos os entrevistados mencionaram o papel decisivo desempenhado por uma rede de relacionamento bastante próxima, composta principalmente por amigos e familiares. Isso mostra a importante participação desses núcleos de relacionamento na apresentação do esporte. Tal como o amor ao clube de futebol, tradicionalmente transmitido “de pai para filho”, o surfe também se apresenta como uma prática que, até certo ponto, se constituiu por conhecimentos e relatos comunicados de geração para geração, ou dentro de uma rede de relacionamento muito próxima, de amigo para amigo. Provavelmente, isso está ligado a algumas características próprias ao fenômeno esportivo de um modo geral, que sempre fora, entre outras coisas, um privilegiado veículo de promoção de sociabilidade e estreitamento dos laços de amizade.

“Meu irmão e meu pai já surfavam, aí eles falaram para eu experimentar”.

“Sempre gostei do surfe, mas nunca achei que poderia, até que uma amiga me mostrou que se eu treinasse eu conseguiria”.

Em que pese essa interferência da família ou dos amigos, a maioria dos entrevistados relatou também que já havia um considerável interesse prévio. Nesse caso,

é produtivo perguntarmo-nos que mecanismos participaram da construção dessa

disposição. Nesse ponto, é perfeitamente possível especularmos a respeito do possível papel desempenhado pela mídia esportiva, pois seu crescimento tem permitido que um universo cada vez maior de pessoas, mesmo que distantes da praia e, portanto, das condições da prática do surfe, consigam acessar os símbolos desse esporte, despertando interesse e curiosidade.

O *mass mídia*, nesse sentido, apreende, decodifica, amplifica e reforça um determinado perfil para a prática do surfe, induzindo, de certo modo, mais e mais pessoas a procurá-lo como um canal de realização dos seus desejos. Dito de outro modo, essa complexa cadeia que é a indústria do entretenimento vai oferecer a um público global um modelo de prática e comportamento, estabelecendo pontos de referência para a ação, para o discurso e para a ética de uma massa concentrada de consumidores em potencial. É desse modo que revistas, filmes, propagandas ou programas televisivos funcionarão como um estímulo reforçado na construção de formas de acesso e consumo dessas atividades. Imagens espetaculares de surfistas em lugares paradisíacos, amplamente difundidas por esses veículos, estimulam o desejo e a imaginação de boa parte das pessoas que as acessam. É o que explica, em parte, o fato de existirem lojas vendendo – e pessoas comprando – pranchas e roupas com motivos surfe em cidades localizadas a mais de 1.000 quilômetros da praia mais próxima, como é o caso de Brasília, por exemplo:

As revistas especializadas têm cumprido com louvor uma importante missão, a de refletir em suas páginas, como se elas fossem espelhos mesmo, as feições de um universo em contínua expansão, sempre em mutação, mas nunca se esquecendo de suas raízes. E nesse ofício, os fotógrafos assumiram um papel fundamental, o de expor ao mundo o quanto este estilo de vida é especial, não poupando esforço e criatividade para obter as imagens mais impressionantes possíveis (FLUIR, 2004, p. 10).

Para além da esfera midiática, a cadeia produtiva envolvida na comercialização das práticas corporais de um modo geral, tem sido mesmo um influente elemento na

difusão e consolidação de costumes e predileções esportivas (GIULIANOTTI, 2002). No surfe, em especial, há, por exemplo, a questão do aumento do número das “escolinhas de surfe”. Trata-se de uma alternativa de acesso ao esporte, inserida num contexto mais recente; causa e consequência do próprio crescimento do esporte nos últimos anos.<sup>1</sup> Nesse sentido, as escolinhas de surfe permitiram que pessoas que de outro modo teriam dificuldade em acessar esse esporte, passassem a considerar minimamente a possibilidade de aprendê-lo.

“Eu quis começar a surfar e como meu pai não tinha tempo para me ensinar ele me colocou na escolinha”.

“No início eu não tinha o apoio da minha família, pois eles achavam que surfe era coisa de homem, até que eu juntei dinheiro pra comprar a minha prancha e entrei para a escolinha, daí eles viram que não tinha nada disso”.

Optando por esses canais institucionais como um meio de obter os conhecimentos necessários para a prática do surfe, esses praticantes já se iniciam em meio a uma atmosfera marcada por relações de caráter mercadológico; um ambiente em que qualquer pessoa interessada e disposta a pagar certa quantia de dinheiro pode se matricular e aprender seus códigos e técnicas. Esse é um processo marcado por valores, cosmologias e procedimentos bastante diferentes daqueles em que o aprendiz é iniciado informalmente por amigos.

Evidentemente, há uma ambivalência nesse processo. Por um lado, essa comercialização facilita, ao menos em alguma medida, o acesso às informações e aos modos de utilização dos materiais necessários à prática do surfe, haja vista que se trata de uma prática que implica o domínio de um determinado repertório de movimentos e técnicas relativamente complexos. Por conta do desejo de lucro implicado nesse

---

<sup>1</sup> Um dado que evidencia a contemporaneidade do aprendizado do surfe através de escolinhas é a observação que aqueles iniciados através desse veículo têm uma faixa etária mais baixa, ou começaram no esporte há poucos anos.

processo, o que antes circulava de maneira restrita, passa a ser ofertado em larga escala. Não por acaso, a própria popularização do surfe no Brasil pode ser tomado como exemplo. Pois ela coincidiu com o amadurecimento de uma mentalidade empresarial entre um determinado grupo de praticantes, bem como com a consolidação de um mercado que tentava explorar os símbolos da sua prática, passando a produzir filmes, roupas, acessórios e produtos em geral (DIAS, op.cit.). Tudo isso amplia e alarga efetivamente o número de possibilidades de acesso ao universo do esporte.

Por outro lado, a aparente superficialidade das relações entabuladas nesse contexto mercantil, onde o aluno é um cliente e o professor um vendedor, tem sugerido algumas críticas às escolinhas. Elas são acusadas de transmitirem conhecimentos pasteurizados, se concentrado apenas, tecnicamente, no ato mecânico de ficar de pé sobre a prancha. Assim, se deixaria de lado, supostamente, outras importantes dimensões que constituem e fazem parte desse universo esportivo: a subjetiva relação de respeito para com a natureza; a conformação do esporte enquanto um estilo de vida e uma visão de mundo; a necessária preocupação com a preservação do meio ambiente ou ainda, de maneira menos profunda, a compreensão das variáveis naturais que influenciam na sua prática, como a formação das ondas, ventos e marés.

O fato é que a dilatação dos canais de comercialização do surfe vai impondo novos sentidos e alterando parte dos significados para a sua prática. E essa é uma dinâmica particularmente importante no momento de pensarmos a maneira como um esporte se constitui socialmente.

As famílias e os amigos, todavia, ainda parecem ser os dois principais meios e influências mais recorrentes para se chegar a praticar o esporte.

## **Os principais fatores motivacionais**

Buscamos também apreender quais seriam os principais fatores que mais estimulavam na adesão do surfe enquanto um hábito de lazer. Nesse sentido, os principais aspectos mencionados foram: o contato com a natureza, a saúde e o bem-estar, o convívio com os amigos, a diversão, a superação de desafios, o estilo de vida e as possibilidades profissionais. Em muitos casos eles estão inter-relacionados. Mesmo nesses casos vamos apresentá-los separadamente apenas por uma questão de ordem expositiva, pois, a bem da verdade, compõe uma complexa e emaranhada teia de representações.

A relação com a natureza esteve presente em quase todos os depoimentos, mencionado-a como um motivo primordial para a adesão ao surfe. A questão de estar em um ambiente natural representa para os surfistas uma possibilidade de interagir e de estar em equilíbrio com a natureza. Alguns praticantes relataram que o fato de se poder realizar uma atividade física nessas condições é importante no sentido de compensar as situações de estresse do trabalho ou da vida metropolitana, agindo na reestruturação do seu equilíbrio mental.

“Quando eu tenho um problema, eu vou pro mar e volto renovado”.

“Quando você está na água, você está recebendo alguma energia que o mar tem que eu não sei dizer exatamente qual é. E está se despojando de toda a negatividade que você acumulou durante aquele dia ou no dia anterior”.

De fato, o surfe é um esporte perpassado por um forte sentido de busca e de reencontro com a natureza. A forma pela qual se costuma representá-lo quase sempre evoca a idéia de uma “comunhão com a natureza”. Trata-se de representações solidamente estabelecidas e que equacionam esse esporte sempre nos diálogos com uma aguda sensibilidade ecológica. Interessante é que, mais do que exaltar essa

possibilidade, elas o fazem como um contraponto à vida da cidade, denotando um sentido de fuga e evasão. O colunista de uma importante revista de surfe diz que:

O surf ajuda as pessoas a serem mais felizes. O ato de surfar, ou mesmo de apreciar as ondas, é algo que adoça a vida, relaxa e inspira. No meio dessa vida veloz de cotidiano intenso e tecnologia frenética, feliz é aquele que pode surfar regularmente, aquele que pode respirar a brisa do cheiro do mar e do cheiro da pele queimada de sol. O ato de assistir as ondas quebrando, azul, perfeita, já nos ajuda a tranquilizar o espírito (BUENO, 2007, p. 142).

De uma forma um tanto mais utilitária e funcionalista, mas mais ou menos nesse mesmo sentido, a saúde e o bem-estar também foram citados como uma razão óbvia para adesão a prática do surfe. Isso está ligado também à questão do surfe como um lazer e um divertimento – algo que teve bastante representatividade nos relatos. Pois atualmente são muitas as pessoas que buscam meios atrativos para incrementar e melhorar sua qualidade de vida. No dizer de um dos entrevistados:

“O surfe me gerou saúde e bem-estar. Antes eu era um empresário muito estressado que não tinha uma válvula de escape ou uma motivação na vida, o surfe me gerou tudo isso e faz uns vinte anos que eu não vou ao médico, nunca mais tive nenhuma gripe e não preciso tomar mais remédios”.

Interessante anotar que a relação do surfe com a idéia de saúde, diferente das suas vinculações com as idéias de contato e interação com a natureza, é produto de uma construção discursiva mais recente. Se nos esportes e nas atividades físicas em geral foi no transcorrer da primeira metade do século XX que a associação entre exercício e saúde se estabeleceu de maneira inequívoca, no surfe, tal processo se deu de maneira mais tardia. Sua imagem esteve durante muito tempo associada à vagabundagem, a vida ilícita, dedicada à permissividade e ao consumo de drogas. O surfe, nesse sentido, era visto como um esporte imoral e socialmente inaceitável. Em certos lugares tais representações chegaram a extremos. Na Austrália, por exemplo, o surfe chegou a ser

proibido, sob o argumento de que sua prática desvirtuava e corrompia a formação moral dos jovens (BOTH, 1995).

No Brasil, o início do seu desenvolvimento também não escapou a essas estereotípias. Foi preciso um esforço intencional por parte de um grupo de praticantes para alterar paulatinamente a imagem pública dos surfistas. Imbuídos de um espírito empreendedor e profissionalizante, os responsáveis por essa dinamização pretendiam mostrar que o surfe era “coisa séria”, desvinculando-o das noções de descompromisso e reforçando ideais assépticos e salutareos. Já no início dos anos 80, em parte como resultado desse processo, se podia ver o surfista sendo retratado como pertencente a uma “geração saúde”, alguém que dorme cedo, “procura ar puro ao invés de fumaça de cigarro, bebe suco de cenoura e adora recheio de ricota entre duas fatias de pão preto” (DIAS, op.cit., p. 130).

Atualmente, essas imagens já se estabeleceram nas representações desse esporte. Suas imagens estão tão consolidadas que a maioria dos praticantes talvez sequer se dê conta da historicidade dessas relações. Nesses termos, é correto dizer que aos olhos dos praticantes, tais associações já se encontram em um nível subterrâneo, inconsciente. Dessa forma, ao serem perguntados sobre o porquê exatamente o surfe lhes parece um gerador de bem-estar e qualidade de vida, as respostas não foram nunca objetivas. Na verdade, os entrevistados não sabiam traduzir em palavras os sentimentos decorrentes daí.

“Só quem surfa nos dias perfeitos pode responder essa pergunta”.  
“É difícil dizer, mas pegar uma onda é uma sensação muito boa”.

De fato, os esportes praticados em ambientes naturais são mesmo dotados de um significado que poderíamos dizer mais “irracional”. Em parte, isso explica a

incapacidade de expressar racional e verbalmente a intensidade de sentimentos vivenciados de maneira tão absorvente. A relativa exposição a riscos, a intencional busca pela aventura e a imprevisibilidade do terreno de prática, são todos elementos que acabam reforçando tais sentidos nesses esportes. Não por acaso, serão muitas as representações nessa direção – e em várias modalidades. Diários e depoimentos dedicados a relatar as estripulias dos nossos aventureiros em outras modalidades serão permeados de declarações que enfatizam, precisamente, essa dimensão, atestando sempre a incapacidade de pronunciá-las de maneira clara e transparente. No montanhismo, por exemplo, diz-se costumeiramente que “Não dá para responder apenas racionalmente ao porquê de se escalar montanhas” (BRANDOLIN, 2005, p. 97) ou que “tentar escalar o Everest é um ato intrinsecamente irracional – um triunfo do desejo sobre a sensatez. Qualquer pessoa que contemple tal possibilidade com seriedade está quase que por definição além do alcance de argumentos racionais” (KRAKAUER, 2006, p. 11).

É claro que pode se anotar aí algumas diferenças entre as transcrições da entrevista dos surfistas e as citações dos montanhistas. Há, efetivamente, alguma distância na maneira em que ambos os grupos dizem que “não dá pra explicar o porquê fazem aquilo”. Mas essa diferença é mais de escala do que de princípio, pois no caso dos montanhistas, trata-se de relatos elaborados por escrito e destinados a uma publicação. O tempo e o nível de elaboração retórica nesse caso serão, obviamente, muito maiores que aqueles obtidos em uma conversa na beira da praia. De todo modo, é o desafio, a superação de limites ou mesmo a imprevisibilidade das situações a serem enfrentadas que parecem permitir esse tipo de discurso. Pois o que mais poderíamos elencar como fator capaz de produzir sensações e emoções tão intensas a ponto de

deixar sem palavras os praticantes desses esportes? Desafio, superação e imprevisibilidade, aliás, foram diversas vezes citados em nossas entrevistas.

“Quando se entra no mar, você já está se propondo a enfrentar um desafio, que pode ter um resultado bom ou ruim, é válido, pois de qualquer jeito se aprende alguma coisa”.

A sociabilização foi outro elemento apontado reiteradamente. Dos dez surfistas entrevistados, oito afirmaram ser o fato de estar com os amigos uma característica primordial no surfe. Isso demonstra um misto existente entre o individualismo e a coletividade na adesão desse esporte. Pois por mais que sua prática só dependa do praticante individualmente, vê-se que estar com outras pessoas, principalmente conhecidas é fator que atrai e motiva. A esse respeito, poderíamos dizer que o surfe é um esporte individual, mas não individualista.

“Surfar sozinho não tem a mesma graça de quando você está com os amigos, eu gosto de estar na praia e ver os amigos surfando, é muito mais agradável, muito mais divertido e isso me motiva pra caramba”.

Em contrapartida, estar com outras pessoas durante o surfe é considerado agradável dentro de um determinado limite. Muitas vezes têm-se um grande número de surfistas no mar gerando, inclusive, tensões, já que o número de ondas é limitado e independe da vontade de quem quer que seja. Assuntos como estes são polêmicos atualmente, principalmente em locais muito freqüentados. A disputa pelo controle territorial da praia e de suas ondas pode até mesmo desencadear brigas e confusões (*c.f.* DIAS; ALVES JÚIOR, 2007).

Existe também a questão do surfe refletir todo um estilo de vida e uma visão de mundo, isto é, uma forma particular de se relacionar com a realidade e de edificar suas identidades. Isso certamente influencia decisivamente no interesse de novos adeptos, que visam trazer os símbolos dramatizados por esse esporte para sua vida pessoal. Aliás,

a incorporação cotidiana de um universo de referências comportamentais extraídas do esporte será mesmo um traço distintivo do surfe, onde não é exagerado afirmar que o estilo de vida dos surfistas já se tornou uma cultura popular (RENNEKER, 1987). Nesse sentido, tornar-se praticante de um desses esportes significa, em outras palavras, vincular-se a um determinado conjunto de símbolos definidores de identidade (DIAS; ALVES JUNIOR, op.cit.). Os valores e simbolismos representados nesse caso dizem respeito, de maneira bastante idealizada, a noções de saúde, beleza, alegria, juventude, irreverência, modernidade e sofisticação dos costumes.

“O surfista está sempre na praia, aprecia o mar todo dia, sabe dar manobras e tem uma boa alimentação por isso que gosto”.

Um último ponto retratado foi à visão do surfe como um caminho profissional. Alguns entrevistados, principalmente as crianças, demonstraram acalentar o sonho de seguir a carreira de atleta profissional.

“Quero ser surfista profissional, viajar e ser conhecida no mundo todo”.

Isso pode estar ligado ao desenvolvimento deste esporte e do seu mercado de trabalho, que permite encarar o surfe não só como saúde, lazer e diversão, mas também como uma possibilidade de trabalho. Atualmente, esse mercado envolve no Brasil cerca de 140.000 pessoas, com cerca de 800 empresas e 18000 lojas movimentando algo em torno de 2,5 bilhões de reais, com crescimento calculado em 10% ao ano desde 2000. Apenas o segmento de *surfwear* feminino cresce a uma taxa de 200% ao ano desde 1998, justificando a criação de marcas e produtos exclusivamente femininas (CUNHA, 2002). E à medida que o esporte passa a ser encarado como um meio de trabalho, capaz de gerar emprego e renda, fornecendo subsídios para quem o comercializa, é compreensível que um número crescente de pessoas desperte interesse em associar-se

de alguma forma a sua prática. Não por acaso, será grande nos dias de hoje a quantidade de pessoas que se sustentam apenas do surfe, organizando eventos e competições, distribuindo e fabricando equipamentos, competindo em busca de premiações ou simplesmente comercializando sua aprendizagem.

A recém inventada profissão de professor de surfe já faz proliferar por todo o litoral brasileiro espaços associativos dedicados ao ensino da modalidade – as chamadas escolinhas de surfe – cujo número total está estipulado – de maneira bastante subestimada – em 80. A carreira de surfista, do mesmo modo, já chega a render tanto ou mais que a de um profissional liberal. Nesse ramo em especial, são cerca de 500 profissionais no Brasil, com ganho médio estimado entre três e seis mil reais por mês, mas podendo chegar, em alguns poucos casos, a faixa dos 25.000 reais mensais, com as premiações dos campeonatos aumentando cerca de 50 vezes em apenas 25 anos (ibid.). Outro exemplo é a criação de cursos de nível superior dedicados à gestão e administração desse esporte. Índícios das perspectivas de atuação ou de exploração comercial que vão cada vez mais se apresentado á modalidade.

Considerando que esse foi um traço sobremaneira presente do discurso das crianças, é possível inferir, ao menos como hipótese, que a forma como eles foram iniciados no esporte, já através de canais formais e institucionais (leia-se, as escolinhas), que muitas vezes já os direciona ao rendimento e as competições, tenha sido o diferencial nesse caso.

## **Conclusões**

Frente à pluralidade de objetivos pelo qual o esporte pode vir a ser praticado, este estudo teve por objetivo tentar identificar mais precisamente quais os principais

fatores motivacionais que podem ser elencados e apresentados como o de maior incidência entre os praticantes entrevistados. Avançando, tentou-se analisar ainda se há alguma correlação possível dessa motivação com a faixa etária ou mesmo o gênero do praticante.

Já sob estes aspectos, vemos, em primeiro lugar, sua incorporação como um veículo para a fruição do tempo livre, ou seja, um esporte capaz de se constituir como possibilidade cada vez mais atraente para vivências de lazer. Mais ou menos no mesmo sentido, ter-se-á também sua conotação como um estilo de vida, modulada como prática que agrega valor e atribui identidade a quem lhe adere. Assim sua procura poderá se dar, entre outras coisas, pelo contato direto com a natureza, pelos possíveis benefícios à saúde, bem como pelas emoções e sensações proporcionadas. De outra forma, a possibilidade de explorar sua prática profissionalmente também contribui para sua difusão.

Com base nas entrevistas, pode-se perceber também que os principais meios de acesso ao surfe foram através da família, dos amigos, seguido da interferência das escolas de surfe e, mais indiretamente, também da mídia. Os motivos para adesão mais ressaltados foram: estar em contato com a natureza, ter saúde e bem-estar, estar com os amigos, ter lazer e diversão, superar desafios, ter um estilo de vida, e para alguns, ter um caminho profissional.

A maioria dos entrevistados, independente de variantes como a idade ou o sexo apresentou certo padrão de interesses e motivos, porém com prioridades ou ênfases diferenciadas. Foi possível observar, por exemplo, que uma parcela do público infantil objetiva seguir carreira profissional, o que pode ser interpretado, em alguma medida,

como reflexo do crescimento do mercado de trabalho, sendo visto como uma alternativa de se manter financeiramente e unir trabalho, diversão e viagens.

Em nosso relacionamento com um “surfista idoso”, saltaram aos olhos seu interesse e destaque nos motivos de bem-estar e qualidade de vida, sem que isso represente que tal aspecto não influencie na motivação de outros grupos etários.

De modo geral, portanto, queremos apenas destacar que, mesmo com certos limites, parece certo afirmar que a idade é “um fator que influencia as mudanças nos padrões e nas preferências quanto às atividades de lazer” (PARKER, 1978, p. 67).

Por outro lado, pode-se dizer que apesar das diferenças de grau, ênfase e escala, onde cada praticante prioriza e atribui significados ao esporte de maneira bastante particular, os fatores motivacionais, em geral e em última instância, constituem um grupo de objetivos comuns.

Ao mesmo tempo, e a exemplo do que ocorre no estudo do esporte de maneira geral, “existe uma infinidade de circunstâncias que devem ser consideradas no momento de se observar e analisar tais representações”, isto é, “a heteronomia do esporte”, nesse sentido, “deve ser apreendida como uma estrutura-estruturante” (DIAS, 2007, p. 21). Assim, pois, apesar dessa comunalidade de interesses e motivações, também não se deve perder de vista, por outro lado, a multiplicidade, pluralidade e diversidade de representações possíveis. Diferenças e outras subjetividades na forma do esporte se organizar e se manifestar devem ser seriamente resguardadas, e esse parece ser um desafio colocado permanentemente para seus estudos.

Apesar de termos entrevistado um número reduzido de praticantes – o que, aliás, nunca se configurou como uma das nossas preocupações centrais – nossas conclusões corroboram com o que outros estudos mais ou menos na mesma direção têm apontado:

as razões para a prática de esportes na natureza – entre os quais o surfe – se encontram, basicamente, na busca por emoções corporais intensas, no desafio pessoal, no contato com a natureza e nos relacionamentos interpessoais (EXTREMERA, RICO, 2008; PEREIRA, ANDRADE, PORTELA, 2005).

## REFERÊNCIAS

BRANDOLIM, Thomaz. **Everest: viagem à montanha abençoada**. Porto Alegre: L&PM, 2005.

BOTH, D. Ambiguities in pleasure and discipline: the development of competitive surfing. **Journal of Sport History**, v. 22, n. 3, p. 189-206, 1995.

BUENO, T. Evolução e retrocesso às raízes. **Alma Surf**, São Paulo, v. 7, n. 39, p.142, jul./ago. 2007.

BURGESS, R. G. **A pesquisa de terreno: uma introdução**. Oeiras: Celta Editora, 1997.

CRATTY, B. J. **Psicologia do Esporte**. 2. ed. Rio de Janeiro: Prentice Hall do Brasil, 1984.

CUNHA, R. V. Surfe dá trabalho. **Você S. A.**, São Paulo, 49. ed., jul. 2002.

DIAS, C. **Urbanidades da natureza: o surfe, o montanhismo e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

\_\_\_\_\_. Convergência, divergência e interseções: diálogos sobre o montanhismo. **Esporte e Sociedade**, v. 6, 2007. Disponível em: ([www.esporteesociedade.com](http://www.esporteesociedade.com)). Acesso em: 22 dez. 2007.

DIAS, C.; ALVES JUNIOR, E. **Entre o mar e a montanha: esporte, aventura e natureza no Rio de Janeiro**. Niterói: EdUFF, 2007.

EXTREMERA, A. B.; RICO, S. R. Análisis del perfil sociodemográfico de la mujer como participante en raids de aventura. **Retos**, n. 14, p. 30-34, 2008.

FERREIRA, D. M.; ANDRADE, A.; PORTELA, A. Caracterização do perfil sócio-econômico, motivacional, stress e ansiedade percebidos de competidores de corridas de aventura. **Lecturas**, v. 10, n. 90, Diciembre. de 2005. Disponível em: ([www.efdeportes.com](http://www.efdeportes.com)). Acesso em: 15 jun. 2008.

FLUIR. **Sensações**. São Paulo: Peixes, v. 19, n. 10, Out. 2004, p. 10.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUARANÁ, A. Surf News. **Fluir**, São Paulo, n.02, p. 29, fev. 2000.

KRAKAUER, Jon. **No ar rarefeito**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

MAGILL, R. A. **Aprendizagem motora: conceitos e aplicações**. São Paulo: Edgard Blücher. 1984.

MALAVASI, L. M; BOTH, J. Motivação: uma breve revisão de conceitos e aplicações. **Lecturas**, v. 10, n. 89, Out. 2005. Disponível em: ([www.efdeportes.com](http://www.efdeportes.com)). Acesso em: 13 abr. 2007.

PARKER, S. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

RENNEKER, M. Surfing: the sport and the life style. **The physician and sport medicine**, v. 15, n. 10, Oct. 1987.

SAMULSKI, D. **Psicologia do Esporte**. Barueri: Manole, 2002.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 2001.

#### **Endereço do Autor:**

Cleber Augusto Gonçalves Dias  
Rua Sacramento, 335, ap. 14, Centro  
Campinas – SP – CEP: 13010-210  
Endereço Eletrônico: [cag.dias@bol.com.br](mailto:cag.dias@bol.com.br)